

O SILÊNCIO FAZ SENTIDO

Renato de MELLO¹ (UFMG)

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo mostrar a relação entre a linguagem, o silêncio e o sentido. Ainda que não seja possível ver o silêncio – há somente pistas, só podemos vislumbrar seus traços –, através de fissuras, rupturas e falhas, podemos percebê-lo em todo e qualquer discurso. O silêncio é a “respiração” da significação e a linguagem é a passagem incessante das palavras ao silêncio e do silêncio às palavras. O silêncio é constitutivo da linguagem (e vice-versa). O silêncio será o sentido “que atravessa” os diálogos e toca o sensível do sujeito do discurso.

RESUMÉE: Le but de ce texte est de montrer le rapport entre le langage, le silence et le sens. Même si ce n'est pas possible voir le silence – il n'y a que de pistes, on ne peut voir que ses traces – parmi ses fissures, ses ruptures et et ses failles, on peut le saisir dans n'importe quel discours. Le silence c'est la “respiration” de la signification et le langage c'est le passage ininterrompu des mots aux silences et des silences aux mots. Le silence est constitutif du langage (et vice-versa). Le silence sera le sens “qui traverse” les dialogues et touche le sensible du sujet du discours.

“O silêncio não são as palavras silenciadas
que se guardam no segredo, sem dizer.
O silêncio guarda um outro segredo que
o movimento das palavras não atinge.”
Le Bot

Proponho, aqui, uma reflexão sobre o silêncio e seus possíveis sentidos. Chamo a atenção para o que estou designando por *sentido*. Minha perspectiva é lingüística e minha proposta de reflexão é sobre o *sentido discursivo* ou, se quiserem, sobre a *significação*, ainda que esse termo possa trazer algumas complicações para a discussão. Sob formas diferentes, o silêncio pode ser encontrado em todas as artes. A literatura, por exemplo, está repleta tanto de palavras quanto de silêncios. Ainda que não seja possível ver o silêncio – há somente pistas, só podemos vislumbrar seus traços –, através de fissuras, rupturas e falhas, podemos percebê-lo em todo e qualquer discurso. O silêncio é, assim, a “respiração” da significação e a linguagem é a passagem incessante das palavras ao silêncio e do silêncio às palavras. O silêncio é constitutivo da linguagem (ou vice-versa). Esse trabalho tem como objetivo mostrar a relação entre a linguagem, o silêncio e o sentido. Efeitos de sentido, efeitos sensíveis, os silêncios tornam claro o papel das instâncias enunciativas no discurso. Quando se trata de questões desse gênero, que envolvem a reflexão sobre os silêncios e seus sentidos, não há como não abordar, refletir sobre a concepção de sujeito do discurso. Silêncios serão os sentidos “que atravessam” os diálogos e tocam o sensível do sujeito do discurso. Silêncios, tomados em todas as suas dimensões, representam uma unidade semiótica exemplar, uma unidade elementar e coerente no e do discurso.

A comunicação torna-se, hoje, uma noção cada vez mais corrente; seus efeitos se mostram indispensáveis para a integração dos indivíduos na sociedade. Sem comunicação a vida não tem

¹ renato@letras.ufmg.br

sentido. Sendo assim, a palavra é um meio privilegiado para (se) conhecer e (se) fazer conhecer. E o silêncio pode parecer vir na contramão desse mundo discursivo. As sociedades atuais, sempre apressadas, têm necessidade de clareza, de explicação, enfim, necessidade de falar, e os estudos sobre o silêncio podem parecer uma perda de tempo. As pessoas que falam pouco, ou nada, geralmente são vítimas de descon siderações ou de mal-entendidos, visto que a eloquência é considerada um dom de poucos.

O silêncio é um traço característico que distingue as culturas. A interpretação dada ao silêncio – seus empregos, suas significações, seus valores – difere de uma cultura para outra. A maior parte das sociedades ocidentais teme o silêncio, enquanto que no Oriente, sobretudo na Ásia, ele é considerado como sinônimo de respeito e de sabedoria. Um discurso bem pontuado, com pausas bem calculadas, uma fala em tom moderado, tudo isso é considerado por muitos como virtuosidade e autodomínio. Por outro lado, aquele que fala alto, rápido e muito pode ser interpretado como ignorante, medíocre e sem educação. Várias significações já foram atribuídas ao silêncio. Não pretendemos, aqui, fazer um levantamento exaustivo das diferentes e possíveis interpretações dadas a ele. Além disso, não é nosso objetivo a construção de uma tipologia do silêncio, nem mesmo a atribuição de um sentido a ele. Entretanto, para proceder à compreensão das possibilidades significantes fundamentais do silêncio, não podemos deixar de levar em consideração suas possíveis significações.

Guardar silêncio, impor silêncio, silêncio eloqüente, minuto de silêncio, quebrar o silêncio, lei do silêncio, silenciar alguém... Expressões como essas nos fazem perceber que há uma gama de possibilidade de significações e de empregos do silêncio e confirmam que ele é algo significativo na vida e no discurso. O silêncio é, desse modo, uma forma de expressão outra. Ele se revela um elemento essencial na comunicação. Mas, como situar o silêncio no discurso? Como compreender/construir as significações do silêncio nas diferentes condições de enunciação? É possível considerar a palavra independentemente do silêncio? O silêncio possui marcas lingüísticas? Como enunciar o silêncio? O silêncio é um acidente, um buraco, uma ausência na *performance* lingüística ou é algo que significa na e pela linguagem? Sabemos que ele é algo extremamente problemático, dada à sua multiplicidade de tipologia de sentidos e de usos. Ele é ambivalente, velador e revelador de sentidos, necessário e perigoso em nossas interações discursivas. O silêncio, assim como o sujeito e a palavra, se coloca em diferentes domínios das Ciências Humanas e é objeto de reflexão da Psicanálise, da Filosofia, da Sociologia e da Teologia, entre outras.

Muitas vezes, filósofos, pintores, escultores, escritores, enfim, artistas, têm se expressado muito mais com o silêncio que com a palavra. Sócrates, que acreditava no silêncio como forma de conhecimento, o rompeu para dialogar. Comparando-o à fala, ele afirma que o silêncio é bem mais decisivo que aquela. Entretanto, não se atreveu guardar um silêncio total e, algumas vezes, monologou. Pitágoras exigia de seus discípulos anos de silêncio ao se iniciarem na vida religiosa. A Igreja é um lugar de silêncio para que os fiéis ouçam a palavra de Deus ou a voz interior. Para muitos a revelação divina só é possível através do silêncio. O silêncio tem, assim, um valor transcendental. Sob formas diferentes, o silêncio pode ser encontrado em todas as artes. Na pintura, também chamada de “a poesia muda”, a arte se expressa com linhas e cores silenciosas. Na escultura, que se abre sobre o mistério, sugere ao espectador que conclua a obra com sua imaginação, como *O Pensador* de Rodin. Na música temos seus numerosos signos para expressar os silêncios. Muitos acreditam, ainda hoje, que “*no princípio era o verbo*”. Mas, na verdade, o verbo só instaurou depois do silêncio, para rompê-lo. No início era o silêncio. Depois se fez a linguagem. Essa já é “*categorização do silêncio. É movimento periférico, ruído.*”²

² ORLANDI, 1997, p.34. Nesse texto sobre as formas do silêncio, Orlandi propõe distinguir entre o silêncio fundador e o silenciamento ou política do silêncio. Esse último, por sua vez, se divide em silêncio constitutivo

A literatura também está repleta tanto de palavras e ações quanto de silêncios. Nas grandes tragédias antigas os silêncios dão o sentido religioso, o sentido dionisíaco. Os silêncios do coro se alternam com o dítirambo em louvor a Dionísio. Os silêncios de Prometeu, Fedra, Electra, Édipo, Hamlet, Otelo são pausas trágicas, tensões dramáticas frente o destino, o amor, a desventura e a morte. Esse “silêncio teatral” invade também a poesia. O ritmo dos versos pode ser música e também pausa. Arthur Rimbaud deixa um testemunho de revolta contra o mundo e contra a palavra. Deixa de escrever aos dezenove anos de idade. Se cala. Prefere o silêncio. Seu mais autêntico testamento é, sem dúvida, o silêncio. Pode se dizer que há tantos silêncios quantas formas poéticas. Há o silêncio romântico, o silêncio simbolista, o silêncio das guerras na lírica francesa, enfim, há tantos silêncios quanto poetas ou quanto palavras. Queremos insistir, assim, no aspecto funcional do silêncio, no seu estatuto enunciativo e na sua força ilocucional. O silêncio deve ser visto, aqui, na ordem da produção lingüística e analisado como processo de produção de sentidos, um processo significativo.

O silêncio está, na verdade, representado em qualquer enunciação e está repleto de sentidos³. O sujeito da enunciação muitas vezes sugere sem dizer e faz com que a linguagem adquira, paradoxalmente, uma leveza e um peso tal que a palavra tangencia o silêncio. Atividade arriscada. As pessoas dialogam não só com palavras, mas também com silêncios. Quando falamos, sabemos que o silêncio é constitutivo da comunicação e que entre as réplicas, as frases, as palavras e as sílabas há silêncios. O silêncio é uma outra forma de expressão. O silêncio fala. O silêncio é linguagem, o que intercala a conversação. Os espaços em branco entre as falas funcionam como silêncios, pausas entre uma pergunta e uma resposta. Quando escolhemos certas palavras para falarmos silenciemos outras. É próprio do diálogo um momento de repouso, mas o sujeito da enunciação não utiliza o silêncio somente como repouso: ele pode ser um momento de reflexão. Os silêncios podem funcionar como “deflagrações”, “descargas”, “radiações”, “correntes”, “ondas”, “partículas”, ínfimas unidades corpusculares da linguagem, que permitem aos sujeitos do discurso, além da comunicação, a interiorização que estabelecerá, completará, retificará ou anulará o diálogo. Este quase sempre surge a partir de um certo silêncio.

A linguagem é redutora, limitada, visto que ela silencia certos sentidos em detrimento de outros. O silêncio entre os interlocutores pode ser entendido como uma não-linguagem, que circunda o círculo da linguagem, temporalmente configurada, não se confundindo, pois, com o ato de se calar, que, à sua maneira, é um modo de fala. Sabe-se, entretanto, que o silêncio é, também, “*a fala de um ausente*”.⁴ Enfim, o silêncio pode se visto como o núcleo ativo da palavra: “*a palavra, no breve instante em que dele (do silêncio) procede, é um grito: o que todas as convenções sociais nos ensinaram a calar...*”⁵. O silêncio se apresenta como o limite da palavra, da representação do mundo, um lugar vazio que se oferece aos sentidos possíveis, às infinitas possibilidades do imaginário para os interlocutores. É no intervalo, no silêncio que algo continua a ressoar, algo fecundo que subjaz o discurso.

e local. A política do silêncio se define pelo fato de que, ao dizer algo, apagamos, necessariamente, outros sentidos possíveis. O silêncio constitutivo é o não-dito necessariamente excluído para que o dizer seja possível, faz parte dos processos de produção de sentido e preside qualquer produção de linguagem. O silêncio local é a interdição do dizer, sendo a censura sua forma mais visível.

³ "Para Pêcheux, o discurso é efeito de sentidos entre os interlocutores. Compreender o que é efeito de sentidos é compreender que o sentido não está (alocado) em lugar nenhum, mas se produz nas relações: dos sujeitos, dos sentidos, e isso só é possível, já que o sujeito e sentido se constituem mutuamente, pela sua inscrição no jogo das múltiplas formações discursivas." Cf. ORLANDI. 1997, p. 20.

⁴ FREUD, 1974, p. 110.

⁵ BARTHES, 1986, p.160.

Muitas vezes buscamos palavras que não são pronunciadas, seja porque não queremos ou não ousamos dizê-las, seja porque elas não são compreensíveis para o outro e são, assim, voluntariamente retidas. O silêncio que separa as falas é tão ou mais importante que as palavras ditas no nível da conversação. O silêncio que invade o diálogo é, de fato, um paradoxo: percebemos o silêncio que precisa ser ouvido, que precisa passar pela linguagem, ser transformado e registrado em forma de discurso. O não-dito é dito; basta escutá-lo. Poderíamos dizer que o “não-dito” é, na verdade, o “não-ouvido”. Seria o corresponde ao paradoxo do invisível. Se há realmente o invisível como podemos saber de sua existência? É claro que o invisível existe, é visível e está por todo lado. Podemos vê-lo o tempo todo, se temos a disposição interior que nos permite vê-lo. Poderíamos dizer, entretanto, que se o não-dito é dito, ele é raramente dito com palavras.

As pessoas muitas vezes se calam, mergulhadas em seus pensamentos. Somos levados, seduzidos por reflexões interiores que dilatam o presente, o suspendemos para dar lugar a sensações, julgamentos, proposições e constatações. O silêncio pode ser, aqui, um tempo de preparação, de ecos e também receptáculo dos prolongamentos dos sentidos. Aquilo que não é dito, não é exposto, permite, às vezes, àquele que se cala, refletir sobre sua opinião, repensar suas atitudes. Quanto tempo separa uma fala da outra? Quanto tempo dura esse silêncio? Impossível saber. O tempo de um suspiro, de um piscar de olhos, de um jogo de ombros, de alguns passos ou uma eternidade. Basta, entretanto, que um desses silêncios surja para que se apresente um debate de consciência. É interessante notar que, além dos interlocutores, o universo do pensamento pode ser percebido também por aquele que não está participando direta e explicitamente do discurso. Há momentos em que nós, acreditando ler claramente os pensamentos dos outros, nos enganamos. Assim, esse tempo do silêncio pode levar a um mal-entendido.⁶

O universo em que silêncio está inserido é praticamente o mesmo da palavra dita. Ele não está, entretanto, disponível à visibilidade, não é diretamente observável. Ele é difícil de ser traduzido em palavras; só pode ser vislumbrado em sua fugacidade. Ele escorre por entre a trama das falas. Ele pode, dependendo do contexto situacional, tornar-se algo de peso, com o mesmo peso da palavra e a conversação nada mais é do que um blablablá, um silêncio grotesco. Os valores se invertem. Se uma pessoa percebe naquela que se cala uma provocação é possível que seja pelo pouco peso de sua própria fala e também das falas das outras. É possível ouvir no silêncio palavras interrompidas, não-ditas que as pessoas poderão imaginar como sarcasmos, provocações, ironias desprezíveis e/ou cruéis. Esse silêncio e suas leituras poderão agir sobre o diálogo e provocar reações as mais diversas.

Instrumento de comunicação, a linguagem se mostra particularmente inadequada e ineficaz para dar conta da representação daquilo que se desenvolve na sensibilidade individual. O silêncio pode, então, ser chamado para suprir a linguagem e fortalecer a comunicação. Paradoxalmente, pode nascer daí a necessidade de falar. Ainda que elas não saibam o que e nem como dizer, as pessoas muitas vezes lutam contra o silêncio que ameaça a conversação, a expressão e a comunicação. Elas experimentam a irresistível necessidade de alimentar a troca linguageira. É preciso preencher o silêncio custe o que custar.

A violência que subjaz as relações interpessoais não se exprime e não se revela, dessa forma, unicamente pela palavra. O silêncio, assim como todas as outras formas de linguagem não-verbal, é, de fato, portadora de agressividade ou pode ser interpretada como tal. O riso, a linguagem corporal, a intonação, o olhar, o silêncio pertencem ao universo da conversação e podem ser observados não só naquele que fala como também naquele que ouve, produzindo os mesmos efeitos e suscitando as mesmas reações que aquelas produzidas pelas palavras. Em vários diálogos esses silêncios são mais

⁶ Segundo Charaudeau (1984), o mal-entendido está também relacionado à dimensão sócio-cultural da linguagem que vincula objetivos comunicativos a comportamentos linguageiros específicos.

significativos que a palavra visto que é também nos silêncios que as pessoas tentam captar, interpretar e assimilar os fluxos de pensamento.

O silêncio pode ser algo espontâneo, não provocado intencionalmente, ainda que o falante o perceba como tal. Esse sujeito o ressentido como um fenômeno doloroso: a palavra parece lhe faltar, lhe escapar, dando lugar ao silêncio que ele considera como perigoso, pois esse silêncio pode fragilizar a situação de comunicação, podendo até mesmo interromper definitivamente o diálogo se necessário. O silêncio revela, de fato, o efeito superficial da relação que as pessoas mantêm, relação que um instante de silêncio pode quebrar.

Evitar o aparecimento desse silêncio é, assim, uma das principais preocupações de algumas pessoas cujas palavras banais, impessoais, têm por finalidade manter o elo que a liga a seu interlocutor. O silêncio também pode ser a marca de desprezo do falante que julga o ouvinte indigno de seu discurso. Ele pode ser o discurso o mais radicalmente negativo e o mais ameaçador que se possa ter. O discurso, entendido como sinônimo de vida, encontra sua antítese - o silêncio - signo de ausência da vida, sinônimo de morte.

O silêncio pode estar, como toda manifestação extra-lingüística, a mercê das interpretações as mais variadas: ele pode significar tanto a adesão à fala do interlocutor quanto a antipatia e pode vir acompanhado de signos fáticos (gestos com as mãos, olhares, balançar da cabeça etc) que facilitam a interpretação. O silêncio é mais comumente ressentido como hostil, parecido com uma palavra de reprovação, porém mais forte que essa visto que os sentidos possíveis não são muito claramente definidos. O sujeito comunicante/enunciador, considerando seu próprio silêncio como um perigo que coloca em risco a relação com o outro, não suporta o silêncio do interpretante, visto como sinal de desinteresse e entrave nas convenções sociais que exigem que as pessoas mantenham um diálogo.

Assim como a palavra, o silêncio tem um peso e é, às vezes, como algo contendo sentidos a serem descobertos. Assim, o silêncio só tem a significação que lhe é dada por aquele a quem ela é dirigida ou que a percebe como tal. O silêncio pode ser considerado como uma resposta desaprovadora, portadora de um julgamento, o que se torna insuportável para o falante que tenta, assim, convencer o outro do valor das suas idéias, e procura quebrar o silêncio no qual esse último se refugia, muralha que lhe coloca fora de alcance. Assim como a palavra, o silêncio aprisiona o falante, provoca uma tensão enorme que o oprime e lhe faz perder o controle sobre si mesmo. O silêncio pode ser, desse modo, uma verdadeira tortura, algo insuportável. Poucos são aqueles que conseguem suportar por muito tempo esse suplício que é o silêncio. Alguns, quando tentam prolongar esse silêncio, arriscam-se e tornam-se incapazes de manterem o controle e o contato com o outro. Se alguém se vale de seu discurso ao invés de ficar calado, o silêncio não forma com a palavra uma simples alternativa. Na verdade o silêncio ameaça a palavra, ameaça o discurso.

O silêncio pode aparecer como o meio mais simples de se preservar. O pudor e a recusa em se mostrar podem explicar a atitude dos interlocutores. Entretanto, esse tipo de silêncio introduz um certo mal-estar. O diálogo exerce tamanho embaraço que o fato de rompê-lo representa uma agressão que envergonha e condena aquele que ousou calar-se. Às vezes, para não incorrer no embaraço provocado pelo silêncio, as pessoas optam por falar a qualquer preço. Dessa forma, o silêncio do outro tem o mesmo valor que a palavra reprovadora. O diálogo pode ser construído tendo em vista o poder de um sujeito sobre o outro que se exerce tanto pela fala quanto pelo silêncio. Assim, pensar o silêncio é colocar questões a propósito dos limites da dialogia e, conseqüentemente, perceber a relação com o outro como sendo uma relação complexa, complementar e contraditória.

Por que tanto silêncio? Por que ele tem tanta força quanto a palavra? Porque sabe-se que não se trata de um silêncio *stricto sensu*, não se trata de um silêncio no sentido passivo e negativo. O silêncio não significa o vazio da consciência e tampouco a ausência de sentidos. O silêncio é muitas vezes a possibilidade que o sujeito tem para trabalhar sua incompletude, sua contradição

constitutiva, a que o situa na relação do "um" com o "múltiplo", a que aceita a reduplicação e o deslocamento que nos deixam ver que todo discurso é polifônico e dialógico e sempre se remete a outro discurso que dá realidade significativa. O silêncio e seu reverso – a linguagem, dois elementos constitutivos do discurso a partir dos quais os sujeitos se exprimem e ao mesmo tempo ocultam sua identidade e sua alteridade, asseguram sua existência, garantem a comunicação mas subvertem as relações entre as instâncias enunciativas. O silêncio é, enfim, o desafio à linguagem, o horizonte de toda criação verbal, de toda criação estética. Isso porque o silêncio vai contra a expansão do *logos*, contra sua limitação. Ele é a expectativa de toda palavra, de todo ato, de todo ato de palavra. Falar sobre o silêncio pode ser um meio eficaz de tentar ouvi-lo, de tentar compreender, através de suas múltiplas facetas, a potencialidade das múltiplas significações que nele subjaz.

Referências bibliográficas

- BARTHES, R. *O Rumor da língua*. Lisboa: Edições 70, 1986.
- BARTHES, R. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BENVENISTE, É. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1966.
- BENVENISTE, É. *Problèmes de linguistique générale v.2*. Paris: Gallimard, 1974.
- CHARAUDEAU, P. Une théorie des sujets du langage. In: *Langage et Société* 28. Paris: Maison des Sciences de L'homme, 1984.
- CHARAUDEAU, P. Análise do discurso: controvérsias e perspectivas In: *Fundamentos e Dimensões da Análise do Discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 1999. p. 27-43
- CHARAUDEAU, P. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, H. MACHADO, I & MELLO, R. *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2001. p.23-38.
- DUCROT, Oswald. *Les mots du discours*. Paris: Minuit, 1980.
- FOUCAULT, M. *L'ordre du Discours*. Paris: Gallimard, 1971.
- FREUD, S. *Além do princípio do prazer. Psicologia de grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- GUIMARÃES, E. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas: Pontes, 1995.
- LE BOT, M. Le silence dans les mots. In: *Corps Ecrit*, Paris: PUF, 1984.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmatique pour le discours littéraire*. Paris: Bordas, 1990.
- MARI, H. Percepção do sentido: entre restrições e estratégias contratuais. In: MACHADO, I.L. et al. (orgs.) *Ensaio em Análise do Discurso*. NAD/FALE/UFMG, 2002, p. 31-57.

- MELLO, R. Inter-sbjetividade e enunciação. MARI, H. et al. (Orgs.) *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2001, p. 227-238.
- MELLO, R. (org.) *Análise do Discurso & Literatura*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2005.
- ORLANDI, E. *As Formas do Silêncio no movimento dos Sentidos*. Campinas: Unicamp, 1997.
- ORLANDI, E. P. *Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.
- TODOROV, T. *Mikhaïl Bakhtine, le principe dialogique, suivi des écrits du Cercle de Bakhtine*. Paris: Seuil, 1981.